

MEMÓRIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE INFÂNCIAS: OS VESTÍGIOS DA ESCOLARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE VILHENA/RO (1960-1980)

■ HELEN ARANTES MARTINS

Universidade Estadual de Mato Grosso

■ ALCEU ZOIA

Universidade Estadual de Mato Grosso

RESUMO

A pesquisa contempla uma investigação que busca dar visibilidade às memórias educativas (1960-1980), da cidade de Vilhena/RO. Período marcado por forte migração e por negligências políticas. É neste contexto que surge esta pesquisa qualitativa de cunho historiográfico que conta ainda com entrevistas semiestruturadas advindas da metodologia da História Oral. Procura compreender as relações de sociabilidade, assim como as representações da infância no período de 1960 a 1980. Durante a pesquisa, torna-se importante abordar aspectos políticos, econômicos e sociais do período de colonização/migração, que se desenvolveu durante o Governo Militar (1960-1985). Portanto, tendo em vista essa realidade histórico-social, justifica-se a realização de uma pesquisa que compreenda o cotidiano das crianças de Vilhena, no período historicamente delimitado, enfatizando as relações que estas mantinham com a escolarização. Através das narrativas podemos perceber que precisamos registrar, na história da educação de Vilhena, os sujeitos que fizeram e fazem parte do desenvolvimento desse percurso que foi construído por muitas mãos.

Palavras-chave: Educação. Memória. Infância. Vilhena/RO.

ABSTRACT

MEMORIES (AUTO) BIOGRAPHIES OF CHILDREN: AND EDUCATION TRACES IN THE MUNICIPALITY OF VILHENA/RO (1960-980)

The research contemplates an investigation that sought to give visibility to the memories of education (1960-1980), of the city of Vilhena/RO. Period marked by heavy migration and political negligence. It is in this context that emerges this qualitative research of historiographic character that still counts on semi-structured interviews coming from the methodology of Oral History. It sought to unders-

tand the relationships of sociability, as well as the representations of childhood in the period from 1960 to 1980. During the research, it becomes important to address political, economic and social aspects of the colonization/ migration period, which developed during the Government Military (1960-1985). Therefore, in view of this historical-social reality, a research that understands the daily life of the Vilhena children in the historically defined period is justified, emphasizing the relations that these maintained with the schooling. Through the narratives we can see that we need to record in the history of Vilhena education the subjects that made and are part of the development of this course that was constructed by many hands.

Keywords: Education. Memory. Childhood. Vilhena / RO.

RESUMEN

MEMORIAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE INFANCIA: LOS VESTIGOS DE LA EDUCACIÓN EN EL MUNICIPIO DE VILHENA/RO (1960-1980)

La investigación contempla una investigación que buscó dar visibilidad a las memorias de la educación (1960-1980), de la ciudad de Vilhena/RO. Período marcado por una fuerte migración y por negligencias políticas. Es en este contexto que surge esta investigación cualitativa de cuño historiográfico que cuenta con entrevistas semiestructuradas provenientes de la metodología de la Historia Oral. Se buscó comprender las relaciones de sociabilidad, así como las representaciones de la infancia en el período de 1960 a 1980. Durante la investigación, se vuelve importante, abordar aspectos políticos, económicos y sociales del período de colonización / migración, que se desarrolló durante el Gobierno Militar (1960-1985). Por lo tanto, teniendo en vista esta realidad histórico-social, se justifica la realización de una investigación que comprenda el cotidiano de los niños de Vilhena en el período históricamente delimitado, enfatizando las relaciones que éstas mantenían con la escolarización. A través de las narrativas podemos percibir que necesitamos registrar en la historia de la educación de Vilhena los sujetos que hicieron y forman parte del desarrollo de ese recorrido que fue construido por muchas manos.

Palabras clave: Educación. Memoria. Infancia. Vilhena/RO.

Introdução

Para que possamos entender a infância e sua representação no município de Vilhena, entre os períodos de 1960-1980, precisamos refletir sobre o seu contexto histórico e perceber que os estudos da história infantil e sua escolarização vêm sendo cada vez mais discutidos e transcritos. “Nesses estudos, é possível perceber a diversidade de fontes utilizadas para tratar os processos históricos de educação e reeducação das crianças em diferentes ambientes, e diversos discursos presentes sobre a infância” (SÁ, 2007, p. 20).

Buscamos transitar por um período de grandes conflitos para a região vilhenense.¹ Sendo o ano de 1964, marcado com o Golpe Militar que refletiu tanto na educação como em todo contexto social, causando grandes transformações e trazendo consequências de intensas reestruturações na educação e em todo o Brasil. Vale mencionar, ainda, que é nessa época de intensos conflitos que ocorre a implementação da educação na cidade marcada por extrema precariedade.

Pesquisar e registrar a representação da infância em um contexto histórico marcado por transformações e recente colonização foram desafios nessa pesquisa. Thompson (1998, p. 21) diz que, através, ou; “Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais, mudanças de atitudes, mudanças tecnológicas ou migração pessoal para uma nova comunidade”.

1 O município de Vilhena localiza-se na Chapada dos Parecis – Região Norte do Brasil (Amazônia Ocidental), Sudeste do Estado de Rondônia (Cone-Sul). É a entrada do Estado de Rondônia para a Região Amazônica, sendo conhecida como Portal da Amazônia. Em lei, a criação do município ocorreu em 23/11/1977, porém, registra-se que havia a existência de aldeias indígenas e duas famílias na região. No início de 1960, o povoado contava com 35 habitantes. Já a partir de 1973, contava com 350 habitantes, e a cada ano aumentava gradativamente a quantidade de famílias.

Seguindo ainda o pensamento de Sá (2007, p. 27), existem diversas representações da infância brasileira.

Infantes, crianças, alunos, expostos, órfãos, desvalidos, petizes, peraltas, vadios, capoeiras, menores, entre tantos outros, fazem parte da diversidade de nomes atribuídos à infância brasileira no final do século XIX e início do XX, que estão relacionados a sua classe social, à faixa etária, ao grupo cultural, à raça, ao gênero e às diferentes situações em que se encontra, como a de abandono e de exclusão na família, na escola e na rua. Tais designações carregam em si as múltiplas representações de infância presentes nos discursos e práticas dos diferentes segmentos da sociedade brasileira.

Quando pensamos em “infância”, não estamos ligados somente a um tipo de palavra, mas encontramos a diversidade de adjetivos dados a um só e mesmo universo. A infância nos remete logo ao pensamento de uma criança pequena, de uma fase corriqueira, de peraltices, “sem valor”, fase de paparicação ou muitas vezes nem vista ou pensada.

Em relação ao discurso sobre a “infância”, não podemos deixar de refletir sobre como eram os olhares para essas crianças. Voltando-nos ao século XIX, a imagem da infância seguia da maneira mais comum possível (KRAMER, 2011). Conforme Ariès (2012), a vida cotidiana da criança estava misturada com a dos adultos e essa condição de vida percorreu séculos, até se chegar a uma identidade.

Com essa breve apresentação da historicidade, que nos permite ter uma visibilidade desse percurso e de como a infância era tratada em cada momento, tal visão não se distanciou do tempo, nem tão pouco da representação.

Nesse viés, para caminhar conosco nessa pesquisa, convidamos membros da sociedade que, no período de suas infâncias escolarizadas, tiveram sua participação na colonização do município, servindo como testemunhas da história do passado. Pessoas que trouxeram,

na voz do passado, muitas representações sobre a infância e sobre a escolarização do pequeno vilarejo. Em resumo, portanto, são esses, que tiveram sua infância marcada por representações e pelos manifestos de diferentes grupos sociais que as mesmas ocupavam, que se tornaram os sujeitos desta pesquisa.

Utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa por acreditar que a:

[...] história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existiam entre professor aluno, entre gerações [...] pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história em lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1998, p. 22)

Os relatos foram gravados em áudio, e posteriormente transcritos e gravados em CD's; os participantes foram selecionados de acordo com a idade, pois, assim cada um representaria seu tempo na construção da sociedade. A maior dificuldade foi encontrar, ainda com vida, esses colonos que, quando crianças, tiveram sua infância construída no período de colonização. As entrevistas foram realizadas com três pessoas que relataram sobre seu processo de escolarização e suas vivências no decorrer do período traçado.

Historicidade e história oral: evidenciando a infância no município de Vilhena/RO

O surgimento da creche no Brasil ocorreu de uma maneira bem diferenciada dos demais países. Com o propósito de criar ambientes para servir às crianças, enquanto as mães trabalhavam em indústrias, essas creches atendiam somente a segurança física, a alimentação e a higienização (MOURA, 2013). Por volta do século XIX, uma inusitada preocupação voltava-se para a escolarização das camadas

excluídas da sociedade, atendendo a critérios básicos como leitura, escrita e conhecer os numerais. Essa construção de aprendizado reforçava ainda mais a situação da criança excluída e representada como símbolo do mundo moderno em transformação e globalização, para instruí-la e prepará-la para o mercado de trabalho (MARCÍLIO, 2012).

No final do XIX e início do século XX, grandes preocupações e questões sobre aprendizagem tomam a frente sobre o período de escolarização das crianças, segundo Sá (2007, p. 40):

[...] na década de 1980, quando houve uma maior entrada de imigrantes no país pelo porto de Santos, o Brasil, tinha um sistema educacional deficitário, com uma população de 80% de analfabetos. Esse quadro levou alguns grupos a pressionarem o Estado em favor das escolas públicas.

Toda essa movimentação migratória fazia com que vários colonos migrassem para os interiores dos municípios brasileiros, sendo que a oferta de terras era vasta e a propaganda de grandes conquistas financeiras chamava e ludibriava os olhos de muitas famílias (GOMES, 2012). Isso se tornou alvo de preocupação, pois essas grandes massas migratórias eram constituídas de famílias compostas por muitas crianças. Sem espaços para acolher a demanda migratória que crescia desordenadamente, muitos resistiam, criando espaços e maneiras de sobrevivência alcançando grupos que lutavam por escolas de portas abertas para todos.

Segundo Ângela (2015),² todo o processo de migração era muito árduo para a fase em que se encontravam. Porém, as meninas estavam presentes nos afazeres domésticos. A responsabilidade de uma vida adulta e nômade se entrelaçava a uma fase de infância que marca a história de vida da entrevistada, ao suspirar que era um tempo bom.

² Todas as transcrições das entrevistas foram registradas de forma íntegra à maneira como os sujeitos se comunicaram e narraram as memórias.

Era muito difícil ter que acompanhar nossos pais, porque eles ficavam mudando de um lugar para outro. Quando eu começava a gostar do local, meus pais levantavam a barraca e tínhamos que passar para outro local. E tudo começava outra vez, limpar em volta do barraco, pegar lenha. Me lembro que fazíamos aquelas vassouras de piaçava e varria o quintal, e de repente a mãe gritava. Porque estávamos brincando de esfregar a vassoura um no outro. Eita, tempo bom! (ÂNGELA, entrevista cedida em 2015)

Thompson (1998, p. 182) corrobora, afirmando que o que torna significativa “[...] é o modo como funciona a memória das pessoas. Os fatos de que as pessoas se lembram, são eles mesmos, a substância de que é feita a história”. Dessa forma, Certeau (2002, p. 59) diz que “grandes significados são construídos no decorrer [...] de experiências vividas”.

Ao buscar na historicidade e refletir a partir dos relatos dos participantes da pesquisa, podemos perceber resquícios de um passado ainda presente na organização social de muitas crianças. Onde a infância se mistura ao mundo adulto, mas se mostra nos pequenos prazeres como no momento *de esfregar a vassoura um no outro* (ÂNGELA, entrevista cedida em 2015).

Notamos também que, ao realizarmos diversas pesquisas à procura de materiais que pudessem contribuir com esse ensaio, percebemos a ausência de registros ou qualquer material que poderia vir a contribuir e se aproximar de uma reflexão sobre o espaço delimitado. Percebemos que não existem registros em livros, ou qualquer outro meio de comunicação, sobre a representação da infância no município.

Vilhena foi emancipada no ano de 1977, anterior a esse período não passava de um simples vilarejo, que aumentava diariamente, devido à grande proporção de migrantes que se deslocavam à procura do tão sonhado pedaço de terra para viver (BRASIL, 2000).

Grande parte dessa migração era composta por famílias sulistas que passaram a ocupar as terras vilhenenses, no período de intensa migração que se deu entre 1960 e 1980.

Compreender todo esse cenário migratório, investigar essa trajetória educacional e o reflexo que a mesma apresentava na representação da infância traça laços para fortalecer toda uma história educacional, local e migratória. Assim, direcionar um olhar a partir da infância demonstra que a história de colonização de nosso município não é constituída somente por adultos, mas toma olhares para diversos momentos.

Retomando a escrita anterior, o período migratório foi intenso no Estado, sem nenhum tipo de estrutura e, a cada dia, de diversos lugares, chegavam famílias. Com a abertura da estrada hoje chamada de BR 364, intensificou-se a popularização de migrantes que chegavam de diversas maneiras, em caminhões, ônibus, carros próprios ou no lombo de animais, tais como cavalos e burros. Na narrativa de Antônio (2015), percebemos como eram as experiências daqueles que chegavam à região.

A gente chegava muito cansado aqui, era uma estrada muito difícil com muito barro. Na maioria dos trechos o caminhão atolava ou os ônibus, os motoristas dos caminhões e dos ônibus procuravam sempre andar meio que emparelhados para ambos se ajudarem a desatolar. Nossa, eu achava o máximo, todas aquelas árvores, o barro. Juntava eu e uns coleguinhas e fazíamos umas bolinhas de barro e a guerrinha era o máximo. A mãe ficava muito brava e logo soltava uns gritos, mas a gente queria mesmo era brincar. Geralmente quando começava a anoitecer o caminhão encostava e a mãe começava a arrumar alguma coisa para comer. O prato era de alumínio e os copos também, a gente ficava batendo no fundo dos pratos para fazer uns sons, mas no fundo a gente “tava” era com medo da escuridão. Não demorava muito pegávamos no sono e ainda de madrugada, pé na estrada novamente, e com todos aqueles balanços e chacoalhões a gente se divertia muito. (ANTÔNIO, entrevista cedida em 2015)

Assim, com o fluxo intenso de imigrantes oriundos de diversos lugares, a cada dia, tomava maiores proporções; a ampliação da cidade foi inevitável e com isso grandes problemáticas foram chamando a atenção de algumas lideranças locais e da própria comunidade que se formava. Uma das preocupações era a de oferecer estudos para os filhos desses colonos e fazer com que permanecessem na região. Mas a grande questão era: como fazer isso, sem uma estrutura e sem pessoas qualificadas para suprir tal necessidade?

A educação começou a funcionar nas pequenas casas, no ano de 1960 ocupou seu primeiro espaço de educação formal, refletindo toda uma história ditada de regras, normas e improvisos.

Foto 01: Foto Parcial da Comissão Rondon, 1911.



Fonte: Rondônia em Sala (2014).³

Ao analisar várias fotos da época da colonização do município, chamamos o olhar para a criança que não deixou de estar presente e fazer parte em nenhum momento desta trajetória, até mesmo junto aos integrantes da Comissão Rondon.⁴ Del Priore (2013, p. 17) afir-

3 Imagem disponível em: <<http://rondoniaemsala.blogspot.com.br/2012/04/infra-estrutura-em-vilhena-o.html>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

4 Oficial da comissão e engenheiro militar encarregado pelo Governo Federal de chefiar a implementação da linha telegráfica entre os Estados do Mato Grosso e Amazonas. A travessia foi dividida em três expedições e apresentava diversos desafios e coragem. A primeira expedição começou no ano de 1907, a terceira ficou

ma que [...] “parece-nos evidente que querer conhecer mais sobre a trajetória histórica dos comportamentos, das formas de ser e de pensar das nossas crianças, é também uma forma de amá-las todas, indistintamente melhor”.

Durante as décadas de 1960 a 1980 tornou-se relevante para a história do município um olhar sobre como se desenvolvia a educação local e como as crianças eram inseridas naquele contexto. Como a infância era vista ou discutida neste meio social? Qual a relação entre professor/aluno durante o período escolar? Ao identificar todas essas atribuições em um processo escolar que ainda passava por normas militares, foi possível compreender as crianças e o espaço que ocupavam na sociedade.

Com a inauguração da escola, no ano de 1962, muitas crianças tiveram a explosão do tão sonhado desejo de ocupar um lugar onde pudessem aprender a ler e escrever. E um local que os tiraria da rotina do trabalho adulto e os levaria a *ser alguém na vida*, como descreve o entrevistado Antônio (2015).

De acordo com as narrativas de Spagnollo (2015), percebemos a presença de uma infância que ora se libertava e ora era aprisionada aos afazeres domésticos. Ao narrar, compreendemos que as composições de palavras carregavam um sentimento de alegria e responsabilidade que não se distanciava do modelo de educação vigente no período mencionado.

Eu, ganhei uma bicicleta de meu pai foi o dia mais feliz da minha vida. Nossa eu pedalava, sentia o vento, a cidade era toda de chão, as pedrinhas se soltavam e batiam em mim, mas eu nem ligava. Descia os morros e subia, mas isso foi só um dia, porque no dia seguinte meu

sendo a mais conhecida, ocorrida no ano de 1909, avançou sertão adentro do hoje Estado de Rondônia. De acordo com a Lei nº 2.731, de 17 de fevereiro de 1956, o nome Rondônia homenageia Cândido Mariano da Silva Rondon. Disponível em: <<http://rondoniaemsala.blogspot.com.br/2011/12/marechal-rondon-o-desbravador-do-sertao.html>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

pai colocou dois ganchos na bicicleta e eu sem entender fiquei a pensar o que seria. Meu pai amarrou dois galões nos ganchos da bicicleta e o meu trabalho era o de buscar água no rio Pires de Sá, o que abastecia a cidade e encher todos os recipientes de nossa casa. Minha alegria durou pouco, pois lá estava eu todos os dias. Comecei a estudar, eu já estava com 11 anos de idade, dei graças a Deus, assim para eu ir até a escola podia retirar os galões e empinar a bicicleta, carregar os colegas. A escola me dava essa liberdade, e poder estudar era um sonho de infância. Antes eu ficava triste por isso, mas agora entendo que eu tinha que ajudar minha mãe nas tarefas domésticas. Hoje sou um homem que gosta de ajudar em casa, acho que aprendi. (risos no final). Mas a escola foi legal, mas tinha alguns professores que nossa, eram terríveis. A escola era simples, funcionava em uma estrutura de madeira. Eu ficava na outra parte da escola, duas salas construídas posteriormente, tudo era muito sério e respeitoso. Mas sempre tinha aquele que não parava no lugar e logo recebia corretivos. (SPAGNOLLO, entrevista cedida em 2015)

Estudar era o sonho almejado na infância e a escola era a liberdade sonhada dos afazeres dos adultos. Poder viver a infância e o período de escolarização era a junção de poder viver a fase do sonho, da infância, e ocupar um espaço cheio de liberdade e fugir do condicionamento. Porém, as normas e as condutas estavam inseridas no decorrer das aulas. Mal sabia Spagnollo que as aulas seriam regidas em um espaço organizado para manter a “ordem e o progresso”⁵ se esquecendo da fase em que se encontrava.

De acordo com Thompson (1998, p. 337), “[...] o que verdadeiramente justifica a história não é conceder imortalidade a uns poucos velhos. Ela faz parte do modo pelo qual os vivos compreendem seu lugar e seu papel no mundo”. Portanto, segundo Brasil (2000, p. 113) descreve que a escola que fora criada para atender as crianças:

[...] o ensino era limitado a instrução do nível primário, funcionando no estilo multisseriado, devido ao número reduzido de alunos, falta recursos humanos e materiais. A pequena escola, porém, soube suprir e cumprir suas funções sociais naquele momento inicial. No início de 1970 a pequena Escola Isolada Wilson Coutinho, depois de passar por quatro endereços, se muda para o local da sede atual, tendo seu nome dado para Wilson Camargo [...]. No decorrer desses anos, a Escola Isolada Wilson Camargo foi aos poucos sendo ampliada, em função do aumento da demanda.

Os pais e professores eram grandes aliados para enfrentar as dificuldades e a falta de recursos materiais e pessoais. Nos relatos orais, notamos que os pais acreditavam que a educação, a escola, poderia oferecer melhores condições de vida a seus filhos; bastava trabalhar, estudar, ser obediente às normas da escola e aos professores.

Para Sá (2007, p. 127), “Acreditava-se no poder da educação para transformar os indivíduos e a sociedade, sendo a escola, o local indicado para a educação moral, intelectual e física dos cidadãos, no sentido de agir como instrumento de consolidação da República”.

Explica ainda Carvalho (1990, p. 55), que a educação era carregada de momentos disciplinares, pois:

Os conteúdos tratavam também a relação do cidadão com a pátria, seus símbolos e heróis; elementos indispensáveis para a estabilização do novo regime político. [...] quando não há o envolvimento real do povo na implantação do regime político, é necessária à sua compreensão por meio da mobilização simbólica. Os heróis ‘são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos’.

De acordo com Sá (2007, p. 168), vários eram os discursos pedagógicos republicanos

5 É o lema nacional da República Federativa do Brasil.

que se voltavam para preparar os cidadãos a uma ordem e que tivessem alguns conhecimentos sobre as vantagens de um regime puramente militar. Durante os trabalhos da disciplina de Moral e Cívica, a principal preocupação era alertar sobre seus direitos e os deveres dos cidadãos: “A intervenção na sociedade seria possível através da formação do cidadão-eleitor, sendo necessário, para isso, trabalhar questões referentes ao voto e às eleições”.

Tomamos a iniciativa de retratar alguns aspectos da historicização organizacional de algumas disciplinas oferecidas no decorrer do período de 1960, pois reforçam a reflexão sobre a forma como as crianças deveriam ser educadas e ensinadas para serem inclusas nos espaços sociais do trabalho. A introdução da disciplina de Educação Moral e Cívica nos currículos escolares tinha como intenção a sustentação dos valores da ditadura; o catolicismo tornou-se um forte opositor e essa introdução, preocupando-se com o espaço que ainda ocuparia nessa briga de lideranças. Para não ficar fora de um espaço que antes dominava, toma uma postura de ações controversas e começa a questionar, com criticidade, o ensino laico. Essa nova visão de ensino colocou todo um programa já consolidado em fissuras, levando preocupações aos representantes e comunidades religiosas.

Nos primeiros ensaios sobre o ensino de História, esse tinha como foco reforçar o controle e a conduta; os ensinamentos históricos eram narrados através de contos, porém a formação desses cidadãos provinha de uma carga de educação civil, patriarcal e histórica, sem muitos questionamentos e com grande ênfase no patriotismo (ROHDEN, 2012).

Nas séries seguintes, os ensinamentos transmitiam um amadurecimento patriarcal, amor à pátria e doação a nação.

Foto 02: Momento de patriotismo no 7 de Setembro de 1977, na escola Wilson Camargo.



Fonte: Memórias vilhenenses (2007)⁶.

Nos relatos da entrevistada Maria (2015), pode-se perceber como o patriotismo foi enraizado em sua mente e coração; hoje a mesma exerce a profissão de policial civil no município. Maria narra, em seus depoimentos, que foram as aulas de Moral e Cívica, em sua infância, que a despertaram para uma vida dedicada a manter a “paz na sociedade” (MARIA, entrevista cedida em 2015).

A gente era criança gostava de brincar, os professores eram muito queridos a gente era muito unido, brincava muito, estudava muito. Para nós a época era muito boa e muito divertida. As carteiras eram de madeira, os bancos eram feitos de tábuas e emendados para guardar as mochilas, então, sentávamos de três a quatro nos bancos. O ensino era rígido, a palmatória, o castigo, o chapéu de burro na época, mas vou te dizer uma coisa! A palmatória poderia até ser um exagero na escola, o chapéu de burro, só que vou te dizer uma coisa, essa época que a gente estudava, os alunos tinham medo, eles iam para a sala de aula respeitando os professores e muitas vezes eles deixavam de fazer algo errado e de maltratar os professores para não ter que ficar lá na frente com o chapéu de burro na cabeça ou qualquer outra coisa. Hoje, em dia eles chamariam de “bullying”. Mas eu acho que pelo menos na época que eu estudava, eu achava que colocava um certo tipo de respei-

⁶ Imagem disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=703419339690272&set=o.539968546039975&type=3&theater>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

to diante dos professores, diante das pessoas maiores, das pessoas mais velhas. As crianças tinham respeito! Eram umas brincadeiras mais saudáveis que tinham nas escolas, a gente respeitava os professores, os diretores, cada um sabia o seu devido lugar, o que hoje em dia já não existe mais. Hoje em dia muitas vezes os professores têm até medo de dar aulas porque, os alunos não podem respeitar e eles não podem fazer nada porque eu falo que não suporto o Estatuto da Criança e do Adolescente eu sou contra porque ele veio só para atrapalhar, com a vinda do estatuto da Criança e do Adolescente aumentou e muito a criminalidade do menor. Porque uma criança com 12 e 13 anos não pode trabalhar, mas pode matar, pode roubar, pode fazer o que quiser. Eu como cheguei aqui em 1974 sou muito contra isso, eu apanhei de minha mãe. Levei umas palmadas quando eu precisei e não morri por causa disso, comecei a trabalhar com 12 anos de idade, eu sei o valor de um serviço, eu sei o que custa o suor da gente para comprar alguma coisa para ter, eu sei valorizar o que meus pais gastaram por mim. Coisa que um filho não sabe valorizar hoje em dia o sofrimento de um pai. Então tudo isso deveria ser revisto. Hoje em dia eles podem falar que os filhos são isso ou aquilo, mas eles sabiam colocar os filhos no lugar. Por medo eles tinham que obedecer, por respeito aos mais velhos e se tornavam umas pessoas de bem [...]. (MARIA, entrevista cedida em 2015)

Podemos perceber, ao longo da narrativa, uma forte influência das disciplinas no processo formativo da Maria e como toda essa rigidez vivenciada na infância e no processo de escolarização reflete-se, hoje, de forma visível, em seu posicionamento e olhar de adulta. Acima de tudo, existia uma repressão e o medo de ser e fazer qualquer tipo de peraltice na infância, pois o respeito era uma das condições mais importantes e perceptíveis nas crianças. A imagem de uma infância vivenciada no mato e que podia imaginar um mundo em uma gota da água, a partir de suas peraltices, como nos apresenta Barros (2013), em vários de seus poemas. Nos permite pensar, ainda, que exis-

tiam dois mundos totalmente complexos e distintos: de uma infância cultivada a partir da imaginação e outra, em contrapartida, regrada de limitação. Para Barros (2013, p. 135), os fazeres da infância são aqueles que “não levam a nada é têm grande importância”. A infância, quando vivenciada de forma plena pela criança, esta se torna um adulto tão comprometido como qualquer outro, porém, sem traumas ou repressão de uma infância controlada.

Pagni (2004, p. 31) aborda de forma clássica a existência de educadores que vivenciaram momentos limitados como esse descrito anteriormente e nos chama a pensar sobre a maneira de como essas experiências educativas estão sendo transmitidas a nossas crianças. Afirma, ainda, que grande parte dos educadores apagam de suas memórias as experiências traumáticas vividas na infância, nos espaços escolares, e reproduzem um ensino totalmente fechado, ditador, tornando-se um detentor do conhecimento.

Uma das principais preocupações dentro do processo formativo dos profissionais da região é romper com essas experiências traumáticas e elaborar cursos formativos que incentivem uma transformação destas práticas e ainda construam uma relação saudável entre aluno e professor.

Um dos resultados é a análise que podemos fazer dos dias atuais, através do grupo de pesquisa “De repente, Professor! Histórias de vida de Professores-Migrantes de Vilhena/RO: um olhar para a constituição dos saberes e fazeres docentes”,⁷ que grande parte dos profissionais estão à procura de uma melhor qualidade de ensino, estão enfrentando suas barreiras e buscando fundamentos para “integrar-se nele e com ele”, como é destacado por Freire (2014, p. 73). *A relação de professor aluno*

⁷ A responsável pelo grupo é a Prof^a Ms. Josiane B. Rohden da Universidade Federal de Rondônia, campus Vilhena/RO.

era bem tranquila, só quando fazíamos peraltices, aí assim! Os castigos eram doidos – assim, relata Maria (2015).

As pequenas comunidades escolares em nosso município cresciam de acordo com a demanda de migrantes que chegavam todos os dias, o fluxo aumentava e com isso o consumo também. Por se tratar de uma cidade em crescimento, não havia muitos comércios, os recursos financeiros eram oriundos de plantações, vendas de carvão, vendas de legumes e hortaliças, dentre outros. Notamos tal afirmação nos relatos do entrevistado Spagnollo (2015), que tem lembranças significativas.

Eu me lembro de uma família que chegou aqui, eles eram muito pobres, não tinham quase nada e nem comida em casa. As crianças saíam dos interiores das matas todas pretas e corriam para se lavar no rio onde brincávamos. Eles nunca falavam conosco, se lavavam na parte de cima do rio, eles trabalhavam fazendo carvão no interior da mata e vendiam com balde para os moradores. Eu me lembro que quando eu olhava para aquelas crianças me dava uma dor no coração, mas nunca me aproximei para conversar. Mas, eles eram muito sujos, e com a cara feia. Não sei quem são, nem onde estão hoje, essas pessoas devem ter a minha idade mais ou menos, eles não participavam da escola, talvez porque tinham que trabalhar. (SPAGNOLLO, entrevista cedida em 2015)

Nesse relato, percebe-se que, mesmo tratando de uma cidade pequena, ainda existiam as diferenças de classe social e as diferentes representações da criança que ora exercia o trabalho adulto, ora libertava-se para o brincar. Sá (2007, p. 41) afirma que muitos estudiosos da educação sonhavam e desejavam uma escola apropriada às crianças, sem discriminação ou diferenças econômicas, e que essas crianças pudessem ter contato com a natureza, podendo ser livres e espontâneas; seria proporcionar um mundo de curiosidades, onde as mesmas pudessem descobrir e explorar os

espaços que ocupavam. Deixar os desejos fluírem e a criança despertar para as necessidades do tocar, agir e criar, portanto, promovendo uma liberdade e uma profunda significação para uma fase tão cheia de virtudes como a da infância.

Eu quando criança gostava mesmo era de correr no meio dos matos, correr atrás dos bichos e depois chegar em casa todo machucado. O rio Pires de Sá era a nossa maior e melhor diversão. [...] depois das aulas cansativas, a gente mentia para as nossas mães que ia estudar mais e corria para rio. Lá tinha muita gente, uns brincando e outros trabalhando. Lavando as roupas! (ANTONIO, entrevista cedida em 2015)

Assim, narra Antônio (2015), entre sorrisos e suspiros, rememora sua infância marcada pela escolarização e pelos momentos de liberdade e diversão. Thompson (1998, p. 21) descreve que é por meio da história que temos a possibilidade de compreender todas essas transformações e perceber toda uma movimentação social, repleta de mudanças e idealizações:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte. Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. Por meio da história política e social ensinada nas escolas, as crianças são levadas a compreender e a aceitar o modo pelo qual o sistema político e social sob o qual vivem acabou sendo como é, e de que modo a força e o conflito têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel nessa evolução.

As vozes que compõem esse artigo, mesmo que sucinto, nos permitem ter um panorama das mudanças sociais, das representações da infância, da escolarização e de como todas essas experiências estão inseridas no processo de migração. Essas transformações influenciaram a formação adulta desses sujeitos, alguns ainda marcados por um passado um tanto ditador e controlador, outros marcados de entusiasmo e empoderamento. Ao final de todo esse registro, temos que responder a nossos questionamentos e perceber como se compunha esse cenário, que antes era tão escasso de leituras. Deixar registros na historiografia dessas pessoas que de lugares simples fizeram e fazem parte da formação de nossa sociedade, é significativo para a consolidação e o princípio de uma geração de acervos para futuras pesquisas e novos olhares sobre ela.

A imagem a seguir apresenta todo o envolvimento narrado por Antônio (2015), ao mencionar seus momentos de aventuras e lazer.

Foto 03: Rio Pires de São



Fonte: Memórias vilhenenses (2007).⁸

E assim tudo terminava neste rio, o Pires de São, que abastecia a cidade e, segundo os relatos do entrevistado Spagnollo (2015): *Este rio*

⁸ Imagem disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=703419339690272&set=o.539968546039975&type=3&theater>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

era a diversão das crianças da cidade, aqui a gente esquecia das reguadas dos professores, dos coros da mãe, a alegria era nossa!

Memórias

O sol brilha e sem conseguir fugir,
Na janela o vento bate.
Vêm as memórias! Minhas eternas companheiras.
Debruçada, com olhares para o tempo.
O fresco do ar vem e traz junto cheirinho de
café passado no coador de pano,
Embaixado por singelas mãos calejadas do
passado.
Posso sentir o sabor, o da comida caseira também,
Depois era, o pote de doce curtido.

E com as mãos vagorosamente sendo passada
nos meus ombros.
Sinto o cheirinho das mãos e dos braços que
me embalamam...
Com um beijo na face, me sentia a criança mais
amada!
Meu olhar logo se voltava, para refletir o que
ainda não conseguia demonstrar.
O coração já colecionava apreços...

O tempo passou, muita coisa mudou...
O mundo tentou apagar!
E cheio de cicatrizes ficou,
Mas as lembranças não passaram!
De um passado que só fortaleceu.
E traz no frescor do ar todas as memórias,
Daqueles braços a embalar...

E a voz que impulsiona,
Dizendo tudo pode mudar, ferir, mentir, roubar
e aprisionar...
Mas carregar no peito os ensinamentos que
mamãe deixou,
É dizer que minha infância reflete em quem
sou...
(MARTINS, 2015).

Contudo, as memórias nos permitem reviver nossas histórias e refletir sobre os caminhos que escolhemos para trilhar e o ser humano que podemos nos tornar. Esta pesquisa, portanto, não está com um ponto final, porque

tem despertado questionamentos para novas pesquisas e reavivado a arte de poetizar e entrelaçar a história.

Nosso município possui muitas histórias a serem ainda estudadas, desvendadas, descobertas, momentos para serem analisados, discutidos, sentidos e rascunhados nos papéis. Deixamos aqui somente o início de uma trajetória, que esperamos despertar muitos leitores com relatos do passado para, assim, contribuir com a história do presente, inspirados nos rastos das poesias de Barros (2013, p. 449) de que nossa voz tinha nível de fonte. “A gente passeava nas origens. A gente não sabia botar comportamentos nas palavras. Para nós, obedecer a desordem das falas infantis gerava mais a poesia do que obedecer às regras gramaticais. A gente queria encontrar a raiz das palavras”.

E foi a partir das narrativas que conseguimos caminhar para uma significação da história do passado, o que nos faz voltar “às raízes e as fontes”, como descreve Barros (2013, p. 449), e contar com a participação das pessoas que fizeram e fazem parte da construção e colonização de nosso município.

Reflexões finais

Essa pesquisa está engajada nos grupos de pesquisa e buscou descrever traços da infância escolarizada que passava por um período de ditadura militar (1960-1980). Período esse que preparava muitas crianças para servirem ao país, com bravura e resistência, deixando assim grandes marcas na relação de vários professores-alunos. Desta forma, “É impossível apontar um lugar no globo onde as pessoas não estejam fazendo história oral” (MEIHY, 1996, p. 17).

Além disso, através das pesquisas bibliográficas, pudemos conhecer um pouco do período de colonização do município e ressaltar as marcas deixadas nesse percurso histórico, entrelaçando a representação da infância ao

período histórico destacado. Assim, essa pesquisa tornou-se desafiadora e contagiante, ao mesmo tempo. Ir em busca dos sujeitos da pesquisa foi um grande desafio e encontro. O desafio deu-se na procura dos sujeitos e o encontro nas significativas experiências narradas e vividas por muitos personagens reais.

A migração está diretamente ligada ao processo educacional do município, sendo que a sociedade ganha massa populacional com a abertura da BR 364. Diversos eram os tipos de necessidades, porém tomamos como foco a educação para o estudo dessa pesquisa, uma vez que a escola era considerada pelos trabalhadores migrantes um desejo de mudança e melhoria nas condições de vida dos filhos. Táticas governamentais estavam diretamente ligadas ao processo de migração e diversos meios foram utilizados para manipular o incentivo do acelerado processo de ocupação, e ainda vale mencionar a integração dos “espaços vazios”, quando é negada a existência de ribeirinhos, seringueiros e indígenas na região.

Nossa maior preocupação foi ressaltar vários momentos, com muito compromisso e responsabilidade, de uma história que se formava a partir de diversos olhares, tempo, interesses, metas. Podemos registrar que árduas foram as marcas e o suor que muitos por essas terras deixaram, para que hoje existisse essa paisagem habitável. Ir à busca dos relatos, para uma maior compreensão da história, causou uma forte emoção nesses pesquisadores, pois olhar nos olhos, ouvir, dialogar, sentir toda a história foi como voltar a um passado próximo, que não se distancia da nossa própria história. Nós viemos de famílias que também migravam à procura de terras e de uma moradia digna para a criação dos filhos.

Para os entrevistados, a representação da infância deveria ter acontecido de uma forma menos doutrinada e a participação nos trabalhos adultos foi determinante para a formação

da criança. Percebemos nas narrativas que ir à escola era uma fuga dos afazeres domésticos, porém as crianças se deparavam com um espaço cheio de regras de conduta e comportamento. O espaço que parecia transmitir a liberdade da fase da infância estava nos momentos de descontração que, mesmo inibidos, apareciam em meio aos afazeres, nas precipitações ao rio e na exploração das matas. A fase da infância não era vista e talvez nem pensada pelos adultos preocupados com a organização dos espaços, mas para as crianças, hoje adultos, são as marcas deixadas na memória de uma fase cheia de responsabilidades e de diversões.

Direcionados pelas leituras dos autores que contribuíram com essa pesquisa e pelas narrativas ouvidas, vale mencionar ainda as particularidades das descrições que, além das ideologias de terras boas, fartas, os migrantes ainda acreditavam em uma educação para os filhos, essa que serviria para a superação da vida sofrida.

Pesquisar através da História Oral é um tanto desafiador e nos exigiu atenção às lembranças, comentários, memórias de fatos, impressões de acontecimentos e gestos que foram primordiais para a construção deste artigo. Nos baseamos também nos ensinamentos de Meihy (1996, p. 19), que observa:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem.

Os relatos orais são de grande importância para a história, pois se tornam uma fonte de “difusão do saber” e grandes fontes para a ciência em geral. Toda a oralidade da história pode trazer consigo vários significantes e significados, que respondem a várias necessidades de espaços e voltam a dar sentido a

uma cultura muitas vezes não compreendida (MEIHY, 1996).

Podemos concluir dizendo que eram crianças simples, de pais trabalhadores, que aprendiam a superar, produzir, crer, pedir em orações forças para a superação da realidade imposta. A migração representava a procura de algo melhor para o sustento da família e para a mudança de realidade. Assim, através dos relatos orais nos aproximamos dos aprendizados e das formações educacionais que eram oferecidos na dinâmica do período estudado. Contudo, concluímos que a cultura escolar do município foi moldada nas relações e na formação de uma infância condicionada, visando a formação de crianças sem voz e hábeis na execução do trabalho. O ensino e as disciplinas seguiam os movimentos da legislação de 1960-1980, com currículos vinculados à organização política e pública do governo. Por mais ditadora que fosse a educação, evidenciamos ainda a falta que a mesma fez na vida de alguns alunos e os desejos que ainda permanecem na memória daqueles que não puderam saber o que é ser aluno.

Buscar dentro dos olhares, dos relatos de uma fase marcada de representações tendo como foco a história do município e a infância, foi como mergulhar e sentir as traquinagens, as dores, as tristezas, as alegrias, enfim, a sensação de estar presente naquele momento histórico. Foi como viver as palavras do poeta Manoel de Barros (2013). Assim, não deixamos aqui somente palavras registradas, mas um grande sentimento de satisfação e encorajamento. Não aprendemos, apenas, a escrever, mas aprendemos a sentir, no olhar de cada entrevistado, uma vitória, assim como a que estamos sentindo agora.

Somos sujeitos da história e, portanto, produtores de cultura. A história continua, se constrói, reconstrói. Sem ponto final, quiçá reticências...

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- BRASIL, Pedro. **Vilhena conta sua história**. Vilhena: Gráfica Delta, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERNANDES, Forestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- GOMES, Emanuel. **História e geografia Rondônia**. Vilhena: Gráfica e Editora Express, 2012.
- KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- MARCÍLIO, M. L. **História social da criança abandonada**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.
- MARTINS, Helen Arantes. **Traços da história da educação de Vilhena-RO: o migrante, a criança e a escola (1960-1980)**. 2015. 52 f. Monografia – Departamento de Ciências da Educação (DACIE), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Vilhena, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da história oral**. 5. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
- MOURA, E. B. B. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 259-288.
- NÓVOA, Antônio. **História da educação**. Porto: Editora ASA, 2005.
- NÓVOA, Antônio. Por que a História da Educação? Petrópolis. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil** Vol. III – Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 09-13.
- PAGNI, Pedro Angelo. **Biopolítica, arte de viver e educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.
- ROHDEN, Josiane Brolo. **A reinvenção da escola: história, memórias e práticas educativas no período de colonização de Sinop - MT (1973-1979)**. 2012. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2012. Disponível em: <www.ie.ufmt.br/ppge/dissertacoes/index.php?op=download&id=410> Acesso em: 14 fev. 2015.
- SÁ, Elizabeth Figueiredo. **De criança a aluno: as representações da escolarização da infância em Mato Grosso (1910-1927)**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Recebido em: 27.08.2017

Aprovado em: 10.05.2018

Helen Arantes Martins é mestra em educação pelo Programa de Pós-Graduação – PPGDU/UNEMAT. Professora celetista da Universidade Federal de Rondônia. Pesquisadora/membro do grupo de pesquisa GEP (Grupo de Estudos Pedagógicos) e GEPRAM (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Migração), tendo em andamento a pesquisa: “De repente, Professor! Histórias de vida de Professores-Migrantes de Vilhena/RO: um olhar para a constituição dos saberes e fazeres docentes” ligados a UNIR. e-mail: aranteshelen@hotmail.com

Av: Benno Luiz Graebin, nº 3722. Bairro Jardim América, Vilhena/RO. Telefone: (69) 98425-9520.

Alceu Zoia é Doutor em educação. Professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso, professor e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação – PPGDU/UNEMAT. Orientador na Linha de Pesquisa Educação e Diversidade. Membro do Corpo Editorial da Revista Educação, Cultura e Sociedade e dos Cadernos do CEACD. e-mail: alceuzoia@hotmail.com

Rua das Bilbérrias, 355. Jardim das Primaveras. Sinop/MT. Telefone: (66) 9999-4112.